

HISTÓRIA DAS CARTILHAS DE ALFABETIZAÇÃO AS MAIS ANTIGAS

S&C

Nós temos uns aos outros!

Método Castilho para o ensino rápido e aprasivel do ler impresso, manuscrito e numeração, e do escrever.

Obra tão própria para as escolas como para uso das famílias, inteiramente refundida e augmentada de várias lithographias) Antonio Feliciano de Castilho. 2.e. Lisboa: Imprensa Nacional, 1853. [A 1a. edição é, provavelmente, de 1850. Em 1855, Antonio de Castilho veio ao Brasil divulgar seu "Método" de alfabetização.

António Feliciano de Castilho, apesar de ter ficado cego aos 6 anos, após ter tido sarampo, se tornou um dos mais celebrados escritores da língua portuguesa e autor do «Método Castilho para o ensino rápido e aprazível do ler impresso, manuscrito, e numeração e do escrever – obra tão própria para as Escolas como para uso das Famílias, editada pela Imprensa Nacional».



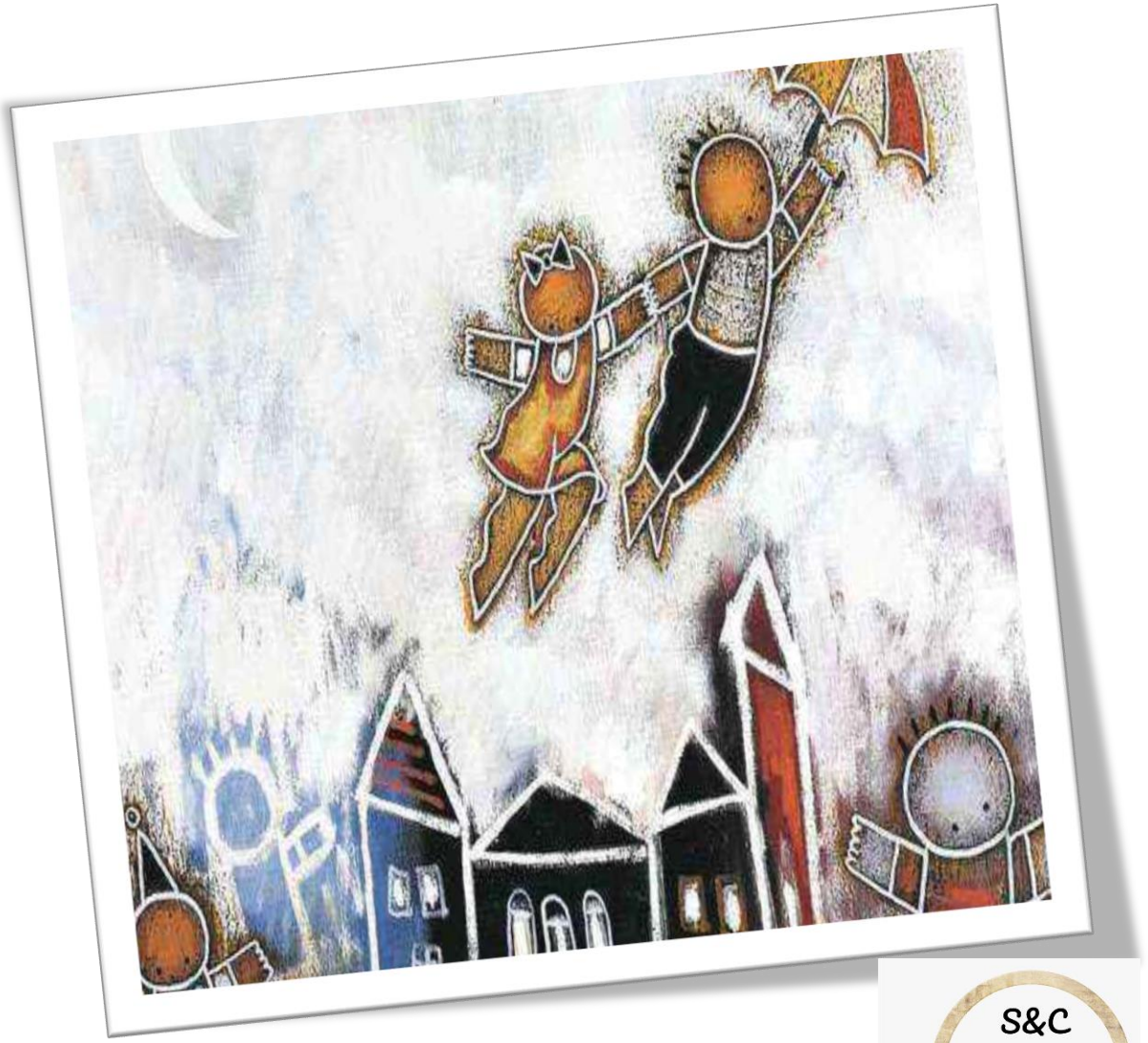


Cartilha Maternal

João de Deus. (Ilustrações de José Rui) Lisboa: Convergência, 1977.



A 1a. edição é de 1876 e o Centro de Memória da Unicamp possui um exemplar da 5a. edição, publicado em 1881 pela Imprensa Nacional (Lisboa). Maria do Rosário Longo Mortatti (2000) assinala que o método de alfabetização de João de Deus foi introduzido na Escola Normal de São Paulo em 1883, pelo então professor Antonio da Silva Jardim, e registra que em 1897 o governo paulista importou vários exemplares da Cartilha Maternal de João de Deus para distribuir nas escolas do estado.



Cartilha da Infância. Tomaz Galhardo

109.e. modificada e ampliada pelo professor Romão Puiggari. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1924. [Provavelmente, a 1a. edição é de 1890, pois a 2a. edição é de 1891, publicada em São Paulo por Teixeira & Irmão Editores. Natural de Ubatuba, Tomaz Galhardo formou-se na Escola Normal de São Paulo.



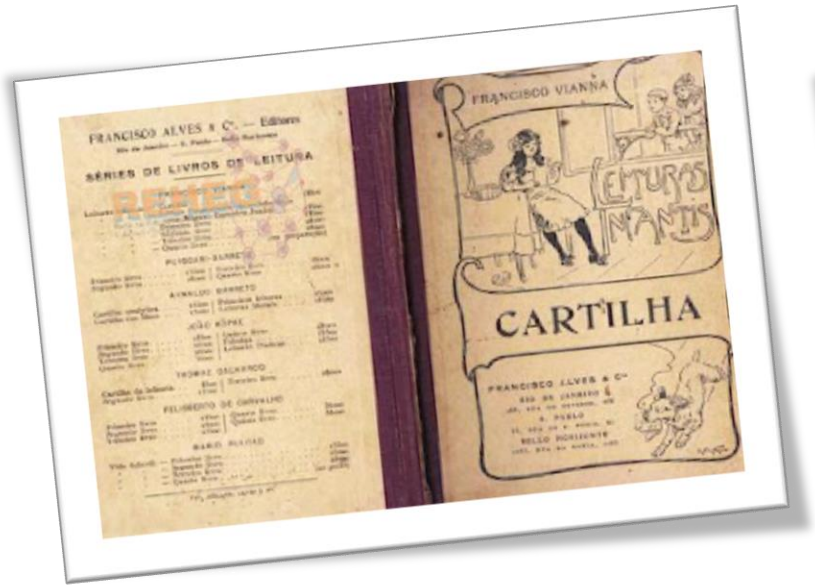






Cartilha Leituras Infantis

Francisco Viana 48.e. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1945. [1a. edição 1895. A cartilha e os livros de leitura de Francisco Viana, formado na Escola Normal de São Paulo, foram muito populares nas escolas.

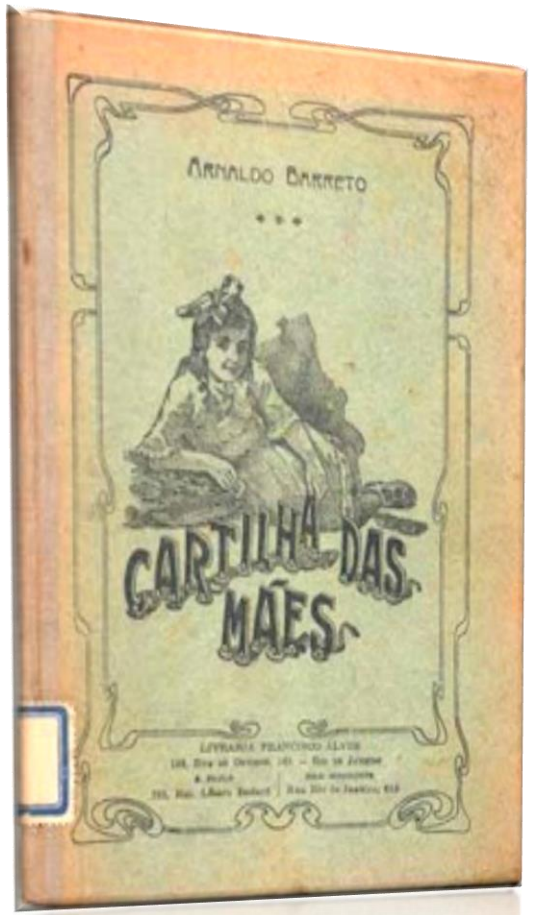






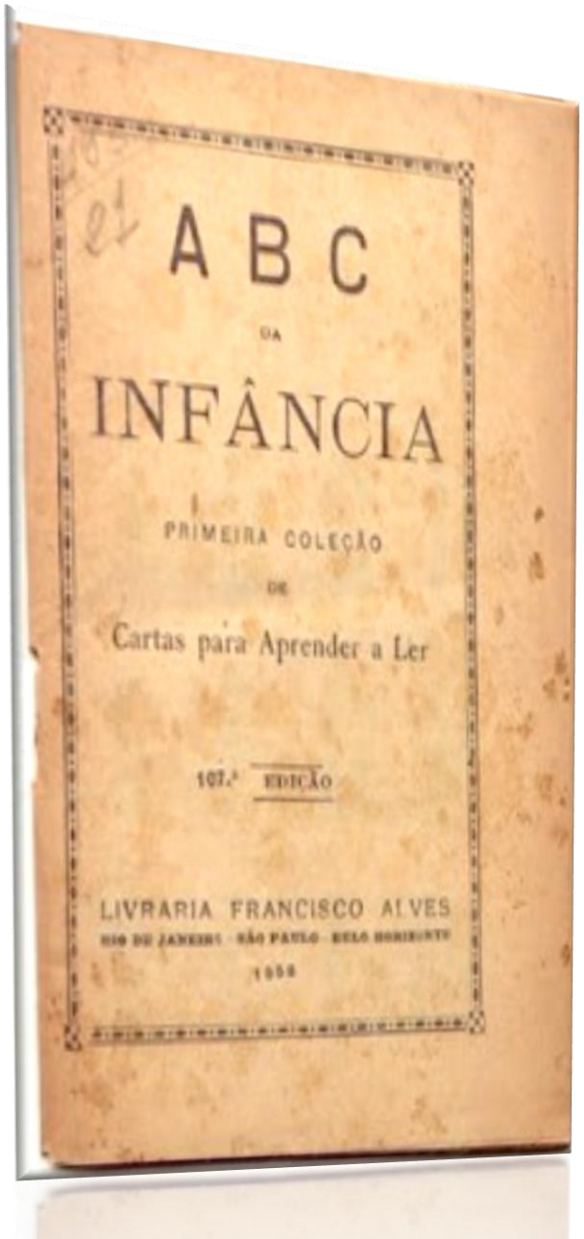


Cartilha das Mães. Arnaldo Barreto



49 e. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1938. [A Cartilha das Mães só começou a ser editada pela Livraria Francisco Alves a partir da 12ª edição, em 1911. É provável que as primeiras edições tenham saído pela Tipografia Siqueira, de São Paulo, fornecedora dos livros de escrituração da Escola Normal de São Paulo e editora que publicou em 1896 as Leituras Moraes de Arnaldo Barreto, antes portanto da Livraria Francisco Alves. Sendo assim, é possível que a Cartilha das Mães tenha sido publicada também por volta de 1896.

ABC da Infância Primeira coleção de cartas para aprender a ler.



107 e. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1956. De autoria anônima, a 1a. edição dessas "cartas de ABC" é de 1905. Há, entretanto, indícios de que essa publicação é a introdução do Livro da Infância de Augusto Emílio Zaluar, escritor português radicado no Rio de Janeiro. As "cartas de ABC" representam o método mais tradicional e antigo de alfabetização, conhecido como "método sintético": apresenta primeiro as letras do alfabeto (maiúsculas e minúsculas; de imprensa e manuscritas), depois apresenta segmentos de um, dois e três carcteres, em ordem alfabética (a-é-i-ó-u, ba-bé-bi-bó-bu, ai-ei-oi-ui, bai-bei-boi-bui, etc); e, por fim, palavras cujas sílabas são separadas por hífen (An-tão, A-na, An-dei, A-mar; Ben-to, Bri-tes, Bus-car, Ba-ter, etc. A sobrevivência desse livro até 1956, data desta 107a. edição, denota a sobrevivência desse modelo antigo de alfabetização.

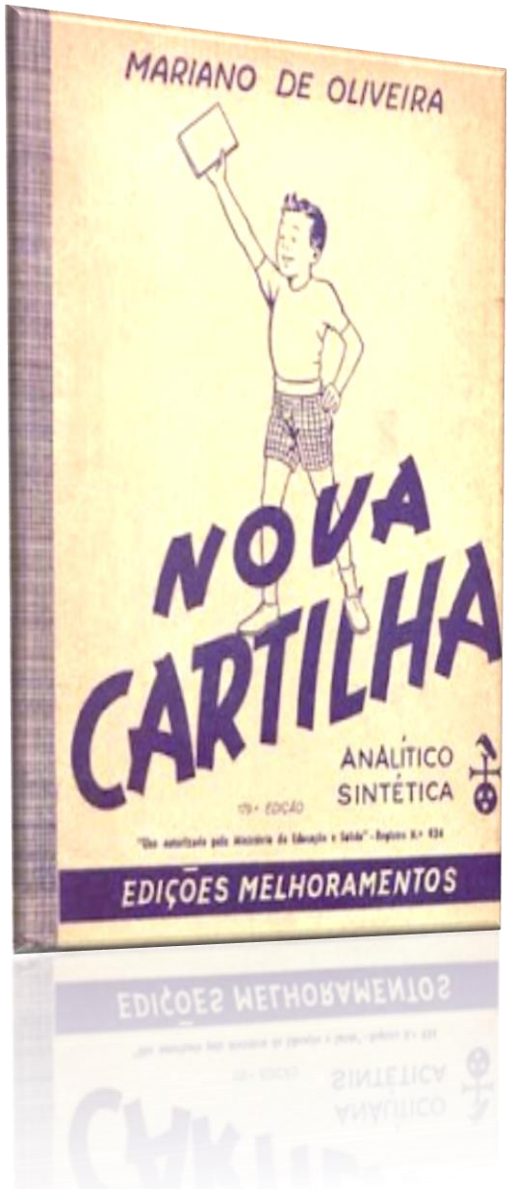


Cartilha Analítica. Arnaldo de Oliveira Barreto



63.e. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1955. 1a. edição 1909. O método analítico alfabetizava com palavras e sílabas, e se opunha ao antigo método, sintético, que ensinava as letras, o bê-a-bá.

Nova Cartilha Analítico-Sintética. Mariano de Oliveira.



São Paulo: Melhoramentos, s.d. (1a. edição São Paulo: Weisflog & Irmãos [Melhoramentos], 1916). Esta cartilha tentava conciliar dois métodos de alfabetização, o moderno e o antigo. De acordo com informações da editora Melhoramentos, foram produzidos 825.000 exemplares desde a primeira edição, de 1916, até a última, a 185a. edição de 1955.

Cartilha Ensino Rápido de Leitura. Mariano de Oliveira.

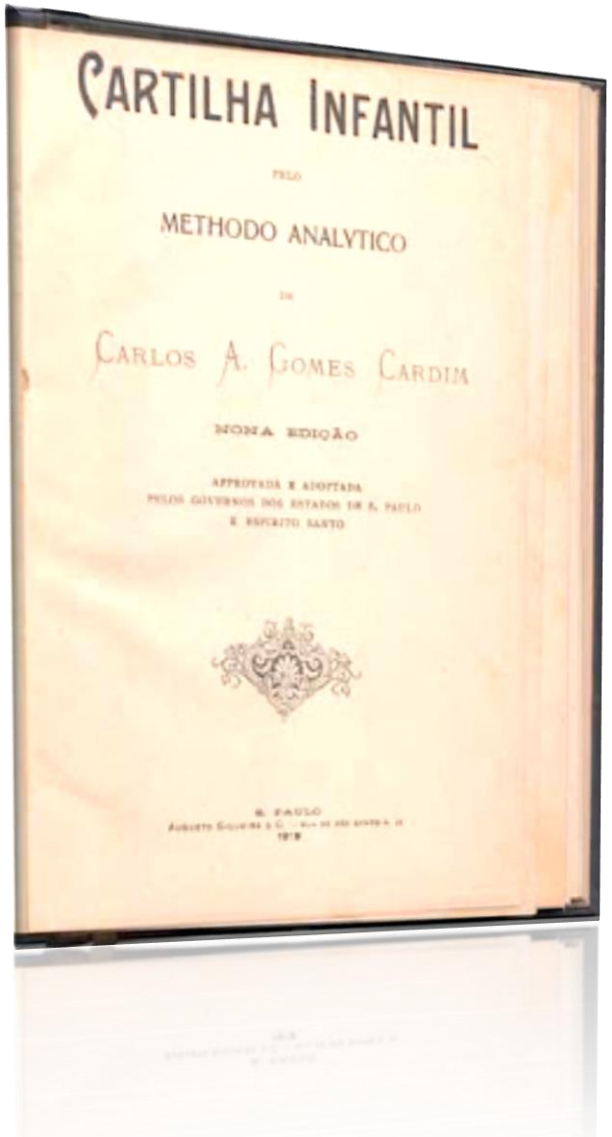
Ilustração de Gioconda Uliana Campos



196.e. São Paulo: Melhoramentos, 1955. Publicada pela primeira vez em 1917, essa cartilha conheceu sucesso extraordinário, atingindo 2.230 edições em 1996 e mais de 6 milhões de exemplares vendidos. Conforme dados da editora Melhoramentos, até 1941 ela já havia vendido mais de 1 milhão de exemplares, mantendo a média de tiragem por ano acima dos 100.000 exemplares até 1969. A partir de 1970 a produção caiu drasticamente para 40.000 exemplares e chegou em 1996 com a tiragem de 1000 exemplares.

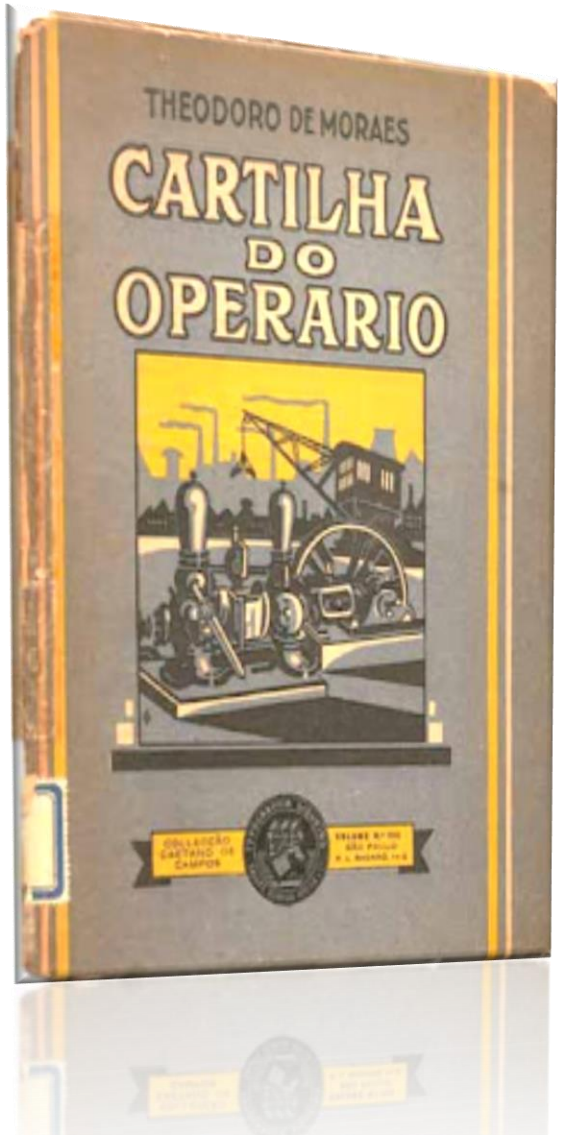


Cartilha Infantil pelo Método Analítico. Prof. Carlos Alberto Gomes Cardim



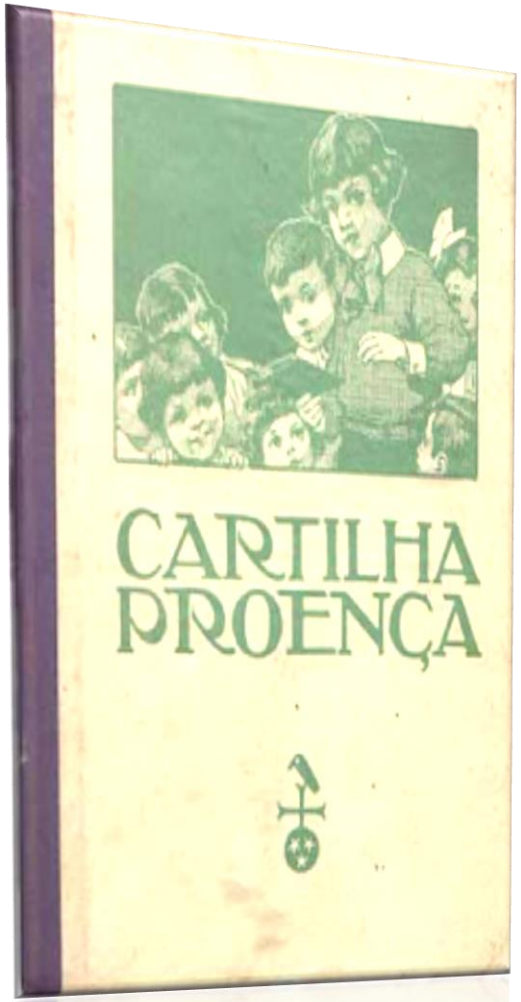
9.e. São Paulo: Augusto Siqueira & C., 1919 1a. edição 1908. Gomes Cardim formou-se na Escola Normal de São Paulo e foi seu diretor em 1925, quando criou a primeira biblioteca pública infantil do Brasil, para as crianças do curso primário.

Cartilha do Operário



Para o ensino da leitura, pela processuação do méthodo analítico, aos adolescentes e adultos. Theodoro de Moraes.. Professor pela escola normal de S. Paulo. Coleção Caetano de Campos. Obra aprovada pela diretoria Geral do ensino de São Paulo. 2 e. São Paulo: Casa Siqueira - Salles Oliveira & Cia Ltda., 1924. Cartilha pioneira dirigida a adultos

Cartilha Proença.



Antonio Firmino Proença. Ilustrações de Oswaldo Storni11.e. a 15.e.São Paulo: Melhoramentos, s.d. [1a. edição 1926. Até a última edição (84ª) foram produzidos 145.000 exemplares.]





Cartilha do Povo. Para ensinar a ler rapidamente. Lourenço Filho



116.e. São Paulo: Melhoramentos, 1939. [Teve ampla adoção nas escolas.1a. edição, 1928 e última, a 2.204a. edição, 1994. Conforme dados da editora Melhoramentos, foram produzidos mais de 10 milhões de exemplares. Um fato curioso da Cartilha do Povo foi a omissão do nome de seu autor até a 115ª edição com o intuito de reforçar seu "caráter popular".]

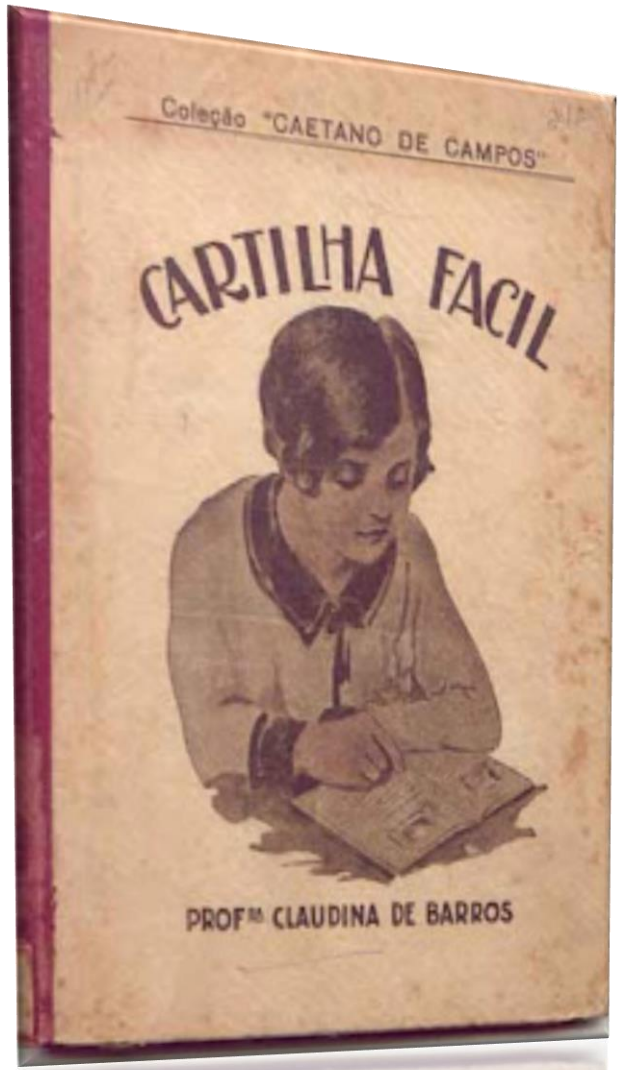
Cartilha de Hygiene. Para Uzo das Escolas Primarias. Dr. A. de Almeida Júnior



10.e. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1928. [A 1a. edição é de 1922, publicada pela Monteiro Lobato & Cia. Editores. De 1928 a 1940 ela foi reeditada pela Compania Editora Nacional, a qual informou que foram produzidos 43.575 exemplares nesse período.]

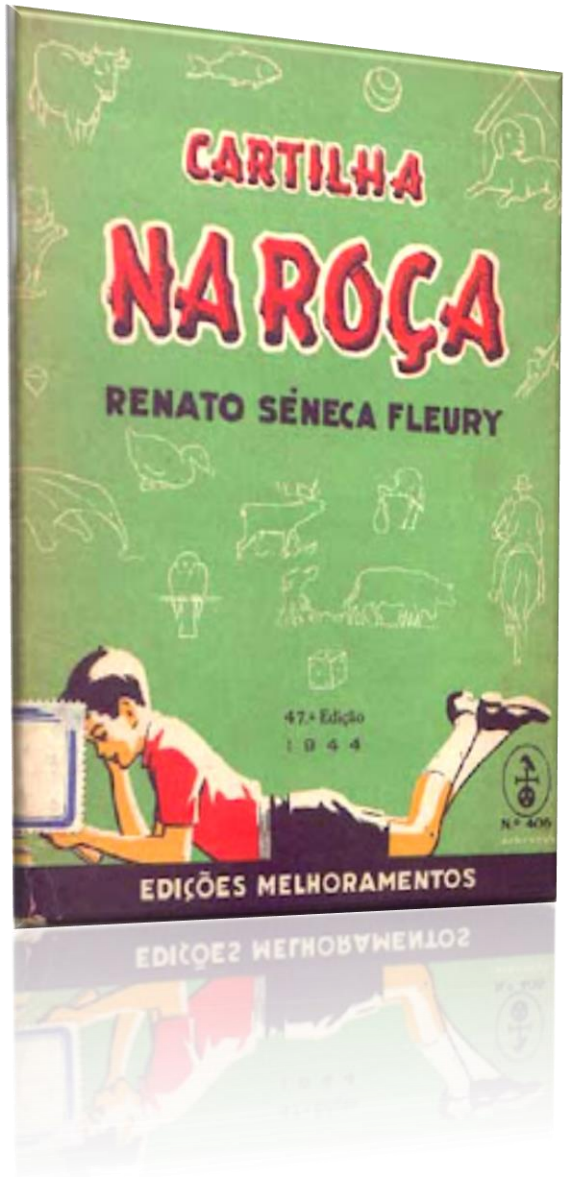


Cartilha Fácil, Claudina de Barros



São Paulo: Tipografia Siqueira, s.d. [Há uma apresentação da cartilha por M. Moura Santos, datada de 11 de fevereiro de 1932, data provável da 1a. edição. A partir da 5a. edição, de 1935, a Cartilha Fácil passa a ser publicada pela Companhia Editora Nacional, atingindo nessa editora a tiragem de 332.105 exemplares até sua última edição, a 40a., de 1957.]

Na Roça. Cartilha rural para alfabetização rápida. Renato Sêneca Fleury



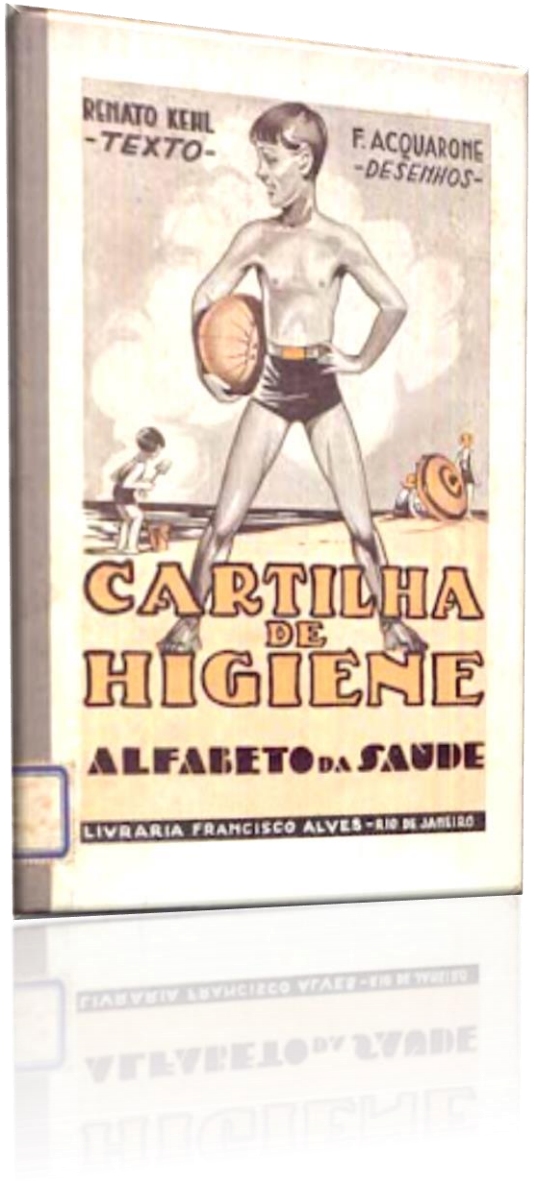
São Paulo: Melhoramentos, s.d. [Destinada ao público do interior e do meio rural, a cartilha Na Roça, 1a. edição 1935, teve 133 edições até 1958. Conforme dados da editora, foram produzidos 278.000 exemplares. A cartilha integrava uma série, com livros de leitura, publicados em 1936.]





S&C
Nós temos uns aos outros!

Cartilha de Higiene. Renato Kehl. Desenhos de Francisco Acquarone



Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1936. [Esta é a 1a. edição, de 1936. Abordagem lúdica dos cuidados com a higiene através da "Fada Hygia"]

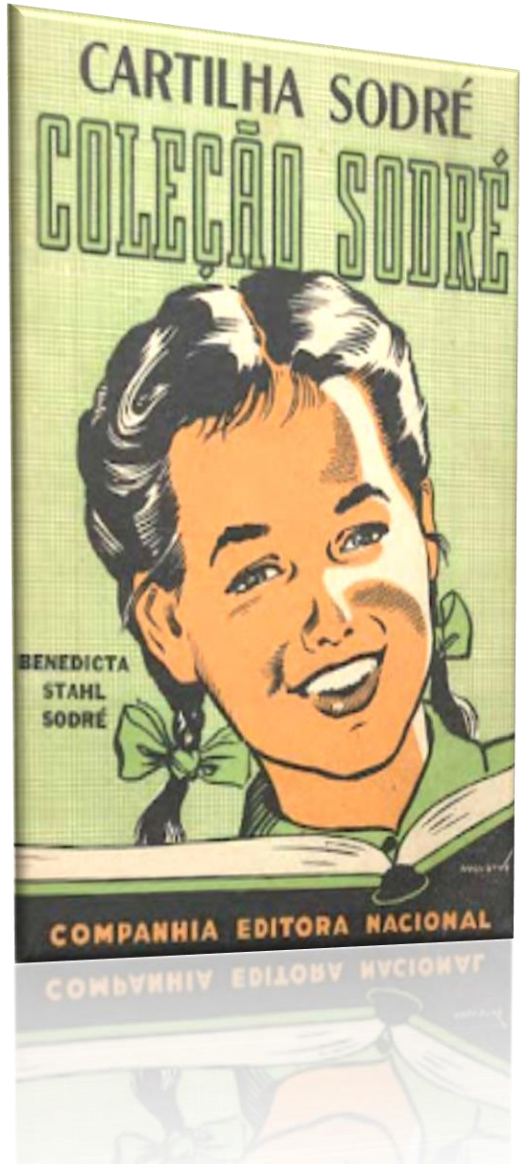
Brincar de Ler. Renato Sêneca Fleury. Ilustrações de Rita Blume



São Paulo: Melhoramentos, 1939. [Formato e ilustrações inovadoras. A 1a. edição é de 1939 e a última, a 39a. edição é de 1978. Conforme dados da editora, ao todo foram produzidos 870.500 exemplares.] imagem ilustrativa



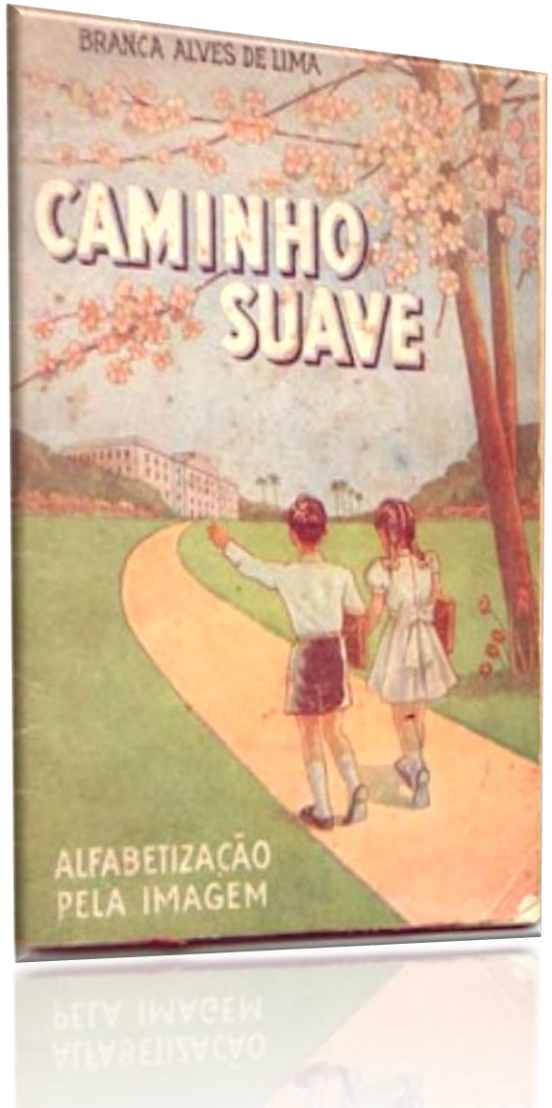
Cartilha Sodré. Benedicta Stahl Sodré



219.e. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1951. [Não foi possível localizar a editora que publicou as primeiras edições, cuja 1a. edição é de 1940. A partir da 46a. edição, de 1948, a Cartilha Sodré passou a ser publicada pela Companhia Editora Nacional. Conforme dados da editora, de 1948 até 1989, data da última edição, a 273a., foram produzidos 6.060.351 exemplares. Em 1977, ela foi remodelada por Isis Sodré Verganini. Além da alteração no formato da cartilha, foram acrescentadas mais de 30 páginas.] **Diário de Lições**. Delphina Spiteri Passos [Caderno do professor indicando como se deveria trabalhar em sala de aula com a Cartilha Sodré, lição da para.]

Caminho Suave: 1o. Livro (Leitura Intermediária). Branca Alves de Lima. Ilustrações executadas por Flavius.

Caminho Suave (Alfabetização pela Imagem). Branca Alves de Lima



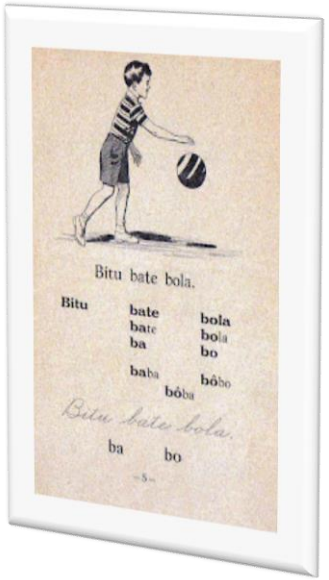
Aprovado pela Comissão do Livro Didático do Departamento de Educação do Estado de São Paulo. São Paulo: Branca Alves de Lima, 1962. [O 1o. Livro de Leitura era usado, geralmente, a partir do segundo ano primário.]

68. e. São Paulo: Branca Alves de Lima, 1965. Aprovado pela Comissão Nacional do Livro didático (Pareceres no. 398 e 431 de 1948). [Essa cartilha, cuja 1a. edição é de 1948, parece ter sido um fenômeno de vendas no Brasil: calcula-se que todas edições, até a década de 1990, venderam 40 milhões de exemplares.] Há um exemplar de edição bem posterior, dos anos de 1980, quando a cartilha foi modificada e vários exercícios foram incluídos.



Cartilha de Bitu. Aracy Hildebrando



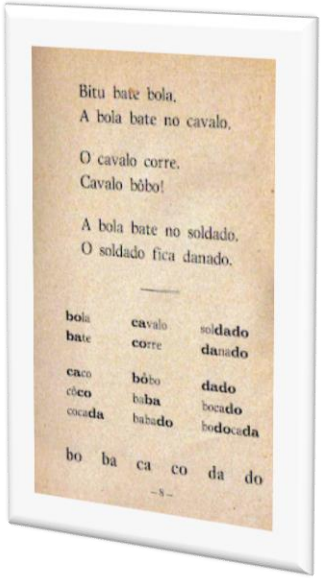

Bitu bate bola.

Bitu bate bola.

Bitu	bate	bola
	bate	bola
	ba	bo
	baba	bôbo
	bôba	

Bitu bate bola.

ba bo


Bitu bate bola,
A bola bate no cavalo.

O cavalo corre,
Cavalo bôbo!

A bola bate no soldado.
O soldado fica danado.

bola	cavalo	soldado
bate	corre	danado
caco	bôbo	dado
côco	baba	bocado
cocada	babado	bodocada

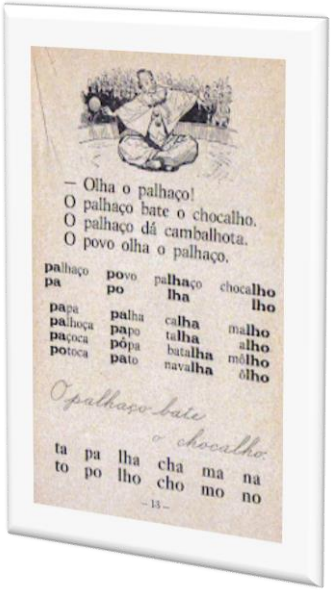
bo ba ca co da do


— Eu me chamo Bitu.
A mana se chama Naná.

Bitu é mano de Naná.
Naná é mana de Bitu.

chama	chamo	mana	mano
ma	mo	na	no
mama	momo	nada	nono
mala	mola	nabo	noma

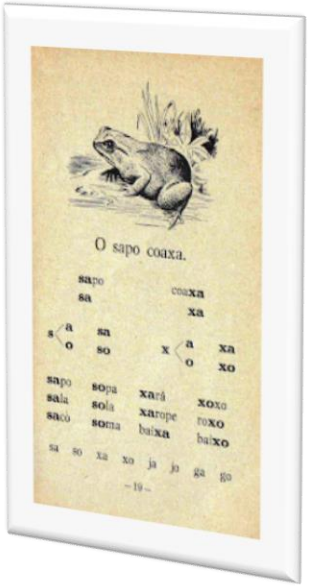
ma mo na no


— Olha o palhaço!
O palhaço bate o chocalho.
O palhaço dá cambalhota.
O povo olha o palhaço.

palhaço	povo	palhaço	chocalho
pa	po	lha	lho
papa	palha	calha	malho
palhoça	papo	talha	alho
paçoca	pôpa	batalha	môlho
potoca	pato	navalha	ôlho

O palhaço bate o chocalho.

ta pa lha cha ma na
to po lho cho mo no


O sapo coaxa.

sapo		coaxa	
sa		xa	
s a sa		x a xa	
o so		o xo	
sapo	sopa	xará	xoxo
sala	sola	xarope	roxo
saco	soma	baixa	baixo

sa so xa xo ja jo ga go

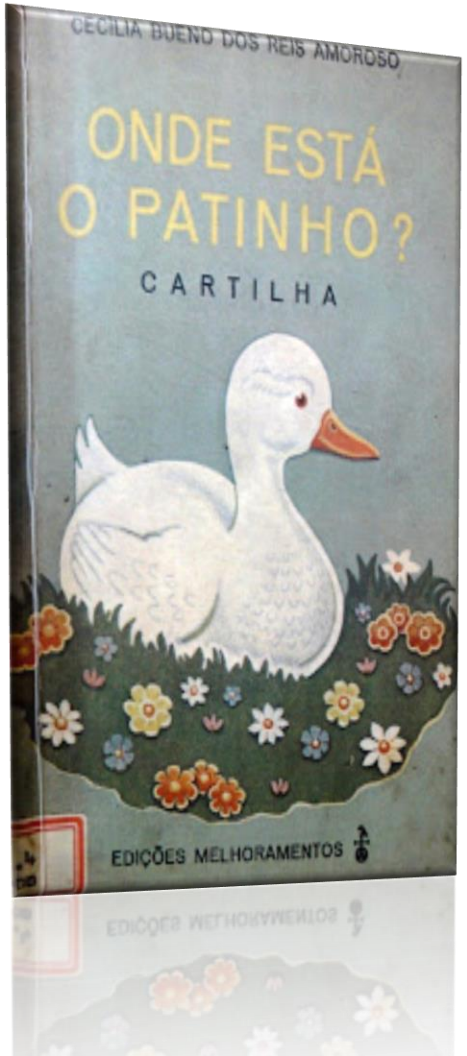
S&C
Nós temos uns aos outros!

48.e. Companhia Editora Nacional, 1960. [A 1a. edição é de 1954, publicada pela Companhia Editora Nacional, a qual informou que foram produzidos até a última edição, a 78a., de 1967, 716.525 exemplares.]

Onde Está o Patinho? Cecília Bueno dos Reis Amoroso.

Ilustrações de Rosa Monzel e Oswaldo Storni

São Paulo: Melhoramentos, 1955.

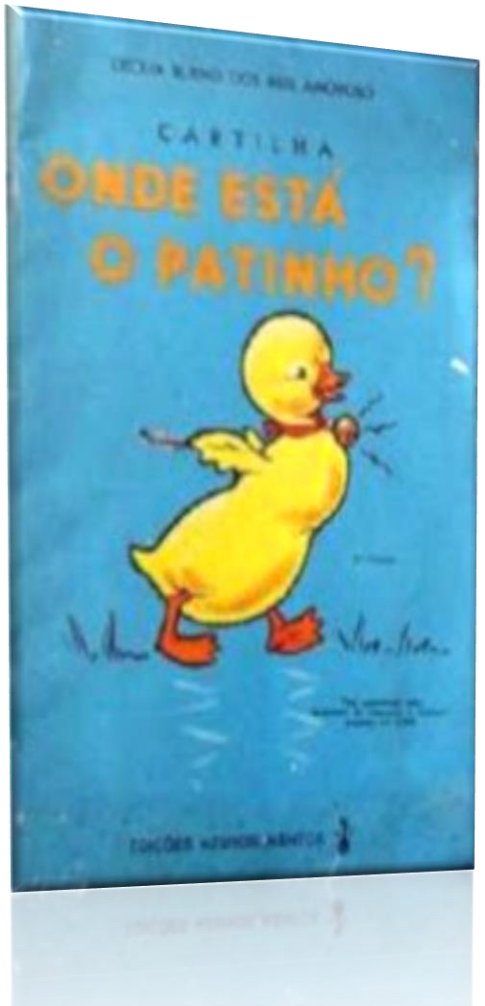


Foi inicialmente publicada pela editora Melhoramentos, em 1955, permanecendo até a 14a. edição, de 1972, com um total de 741.000 exemplares produzidos. A partir de 1972 ela passou a ser editada pela editora Lotus e é quando aparecem também as co-autoras Arminda Bueno dos Reis Amoroso e Angela Maria Bueno dos Reis Amoroso, filhas de Cecília Amoroso e o Manual do Professor. A mudança de editora marca a alteração no formato e no conteúdo da cartilha, que aumentou de tamanho e recebeu muitos exercícios e atividades, aumentando também o número de páginas. Em 1979, na 17ª edição, a cartilha começou a ser publicada pela Editora Saraiva.



Manual do Professor.

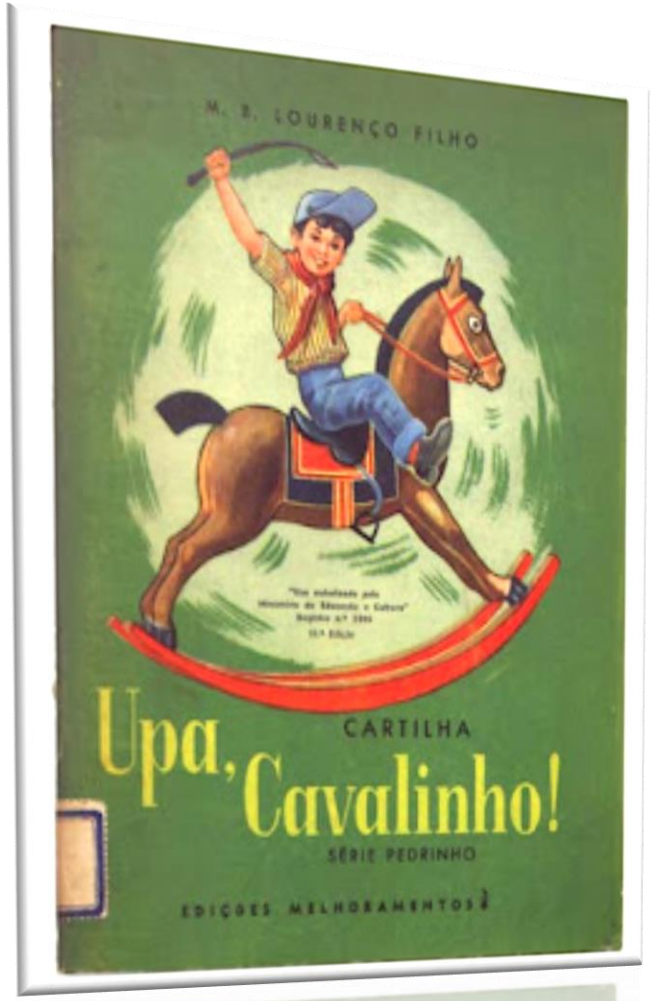
Onde está o Patinho



São Paulo: Lótus, 1972. [A partir de 1972 a cartilha passou a ser editada pela editora Lotus e é quando aparecem também as co-autoras Arminda Bueno dos Reis Amoroso e Angela Maria Bueno dos Reis Amoroso, filhas de Cecília Amoroso e o Manual do Professor.]

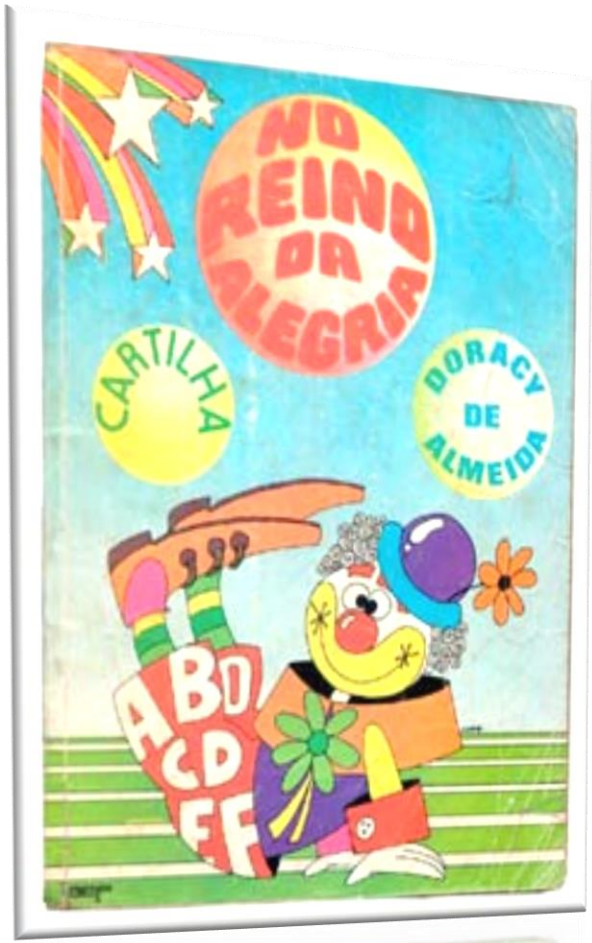


Upa, Cavalinho!



Lourenço Filho, ilustrações de Oswaldo Storni12.e. São Paulo: Melhoramentos, 1970. [A 1a. edição é de 1957, cuja tiragem foi de 1.000.000 de exemplares. Até 1970, data da última edição, a 12a., foram produzidos 2.070.000 exemplares. Há também um Guia do Mestre para a cartilha Upa, Cavalinho! São Paulo: Melhoramentos, 1956. [De 1956 a 1957 foram publicadas quatro edições desse guia, com a tiragem de 120.000 exemplares.]

NO REINO DA ALEGRIA - DORACY DE ALMEIDA - 1974



São Paulo: IBEP, s.d. [Publicada pelo IBEP - Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas em 1974, a cartilha No Reino da Alegria tem formato bem maior que suas antecessoras. A introdução de exercícios após cada lição e o uso dos quadrinhos e tiras nas ilustrações foram também inovações importantes.]



CARTILHAS: DAS CARTAS AO LIVRO DE ALFABETIZAÇÃO

Ana Maria Moraes Scheffer, Rita de Cássia Barros de Freitas Araújo, Viviam Carvalho de Araújo, Mestrandas em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Quem foi alfabetizado há mais tempo, ou quem sabe num passado mais remoto, é bem possível que se lembre das cartilhas que circulavam nas salas de aula, trazendo à tona lembranças do seu período de alfabetização. Período em que as cartilhas ou os pré-livros eram os primeiros, senão, os únicos materiais impressos a que tiveram acesso no processo inicial de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita. Valem as perguntas: Como se deu a nossa alfabetização? Quais os materiais e/ou livros didáticos que circulavam em nossas salas de aula?

Conforme destaca Stamatto (1998), a cartilha1, manuais escolares empregados na alfabetização e na aprendizagem da leitura, ficou conhecida no Brasil, desde a época colonial. Nesta ocasião, as cartilhas eram constituídas da apresentação do alfabeto em grupos de letras para a formação de sílabas e de textos religiosos escritos em português e latim.

Segundo a referida autora, a primeira lei brasileira sobre a escola primária do ano de 1872, não mencionava o método e o manual escolar a serem utilizados, mas determinava que o livro de leitura fosse a constituição brasileira e os livros de história do Brasil. Na prática, isto não podia ser comprovado, uma vez que havia dificuldade de acesso aos livros e obras para realizar este estudo.



No início do século XIX, no Brasil, os manuais usados para ensinar a ler e escrever eram importados de Portugal, pois até o ano de 1808, não era permitida a publicação de livros nacionais. Os professores confeccionavam o seu próprio material para alfabetizar e usavam também cartilhas portuguesas como: O expositor português e a Cartilha Maternal, tendo sido esta última produzida pelo poeta português João de Deus.

Os materiais produzidos pelos professores foram denominados Cartas do ABC, que traziam o alfabeto escrito de várias formas, valorizando a grafia. O método que se concretizava através desta cartilha era o método alfabético, o qual toma como unidade de análise o nome de cada letra. Nesse método era utilizado o processo de soletração para decifrar a palavra, por exemplo: bola, be-o-bo, ele-a-la= bola.

Na década de 1880, foi produzida a Cartilha Nacional de Hilário Ribeiro que propunha um trabalho simultâneo da leitura e da escrita e o ensino do valor fônico das letras para o aprendizado da leitura. Nesta mesma década, foi lançada a Cartilha da Infância de Thomaz Galhardo, baseada na silabação. Esta cartilha foi usada nas escolas brasileiras até a década de 1980. Vejamos o modelo de lição apresentada em uma página desta Cartilha da Infância citada por Mortatti (2000, p3):

2 ª lição
va ve vi vo vu
ve va vo..vu..vi
vo vi va ve vu
vai viu vou

Vocábulos
Vo-vó a-ve a-vô o-vo
vi-va vo-vo ou-ve u-va
ui-va vi vi a vi ú va

Exercício

Vo-vó viu a a-ve
A a-ve vi-ve e vo-a
Eu vi a vi-ú-va
vi-va a vo vó
vo-vô vê o o-vo
a a-ve vo-a-va

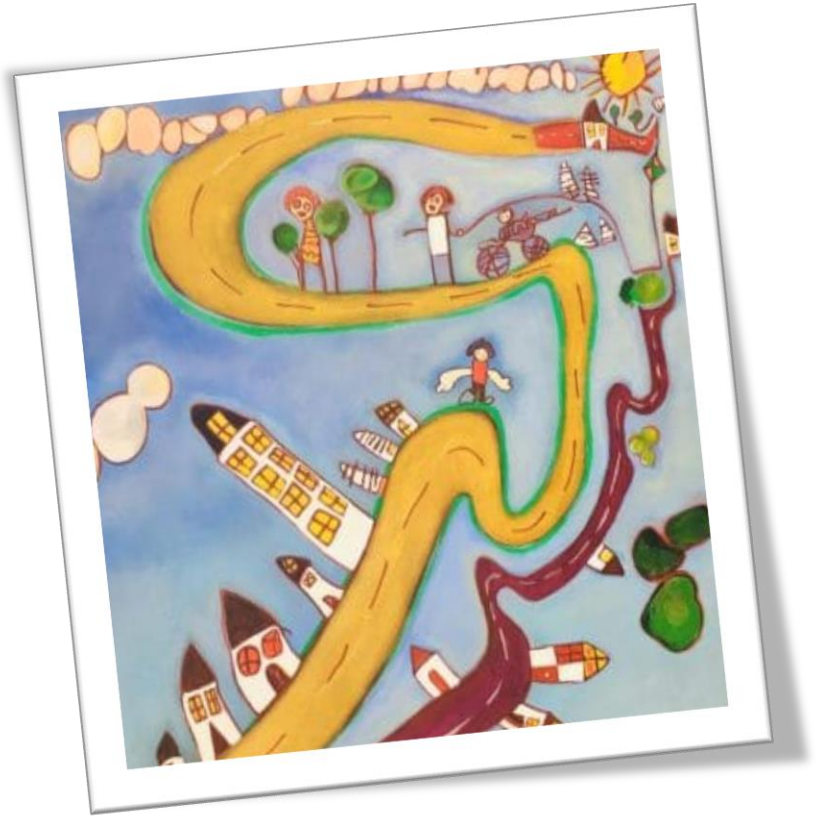


Publicada em 1907 e muito usada em vários estados brasileiros, a Cartilha Analytica de Arnaldo Barreto marca a ascensão do método analítico no Brasil. Apesar do nome, esta cartilha estava dividida em decifração e compreensão como constatamos no exemplo abaixo de uma das páginas desta cartilha:

1. Esta é a vaca do meu tio Carlos.
2. Chama-se Rosada.
3. Chama-se Rosada, porque é vermelha.
4. Rosada tem um lindo bezerro.
5. O bezerro também é vermelho.
6. Ele gosta muito do leite da Rosada.
7. Vocês também gostam de leite?
8. Eu gosto muito de leite.
9. Gosto de leite quando tem nata.
10. É da nata que se faz a manteiga.
11. É da nata que também se faz o queijo.
12. Não mames todo o leite, bezerrinho!
13. Deixa um pouco de elite para mamãe fazer manteiga.



Fonte: Centro de referência para Pesquisa Histórica em Educação (Unesp-Marília)



Em 1987, é lançada a cartilha Casinha Feliz de Iracema e Eloísa Meireles. Este livro foi o marco do método fônico no Brasil, o qual enfatizava a menor unidade da fala, o fonema, e sua representação na escrita. Citando Braslavsky, (Frade 2005) explica que no método fônico ensina-se primeiro as formas e os sons das vogais, para depois ensinar as consoantes e vogais, estabelecendo entre consoantes e vogais, relações cada vez mais complexas. Cada letra é aprendida como um som que, junto a outro som, pode formar sílabas e palavras.

Conforme já foi apontada, a partir da década de 80, a discussão sobre a alternância dos métodos foi substituída pela discussão sobre o uso ou não dos métodos de alfabetização, o que veio repercutir na produção de materiais didáticos. Há um rompimento com a defesa explícita do método tão presente nos discursos, na formação dos professores e nos materiais didáticos. Os educadores passaram a trabalhar com textos diversificados nos diferentes suportes que circulavam na sociedade como livros, jornais, revistas, embalagens, bulas, entre outros.

No final da década de 1990, houve uma defesa à volta dos livros para alfabetizar. Tais materiais, então, ficaram semelhantes aos livros de leitura, mas não continham atividades que exploravam a relação fonema/grafema. Frade (2003) explica que, nos últimos anos, dentro da Política Nacional do Livro Didático (PNLD), vem ocorrendo uma tendência pela escolha de livros de alfabetização considerados menos recomendados. Um fato que explica tal escolha, é que muitos professores esperam encontrar nos livros de alfabetização, de hoje, a permanência de procedimentos sistemáticos e explícitos para ensinar a ler e escrever.

Será a cartilha um mal necessário, de fato? Que outras concepções, que outras práticas, que outros conteúdos, que outras finalidades da alfabetização, que outras formas de acesso ao mundo da cultura seriam possíveis, no sentido de romper com esse pacto secular?





REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. Estética da Criação verbal: São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FRADE, Isabel C. S..Alfabetização hoje: onde estão os métodos? Revista Presença Pedagógica. Belo horizonte: Dimensão, nº 50 Mar./Abr. 2003

FRADE, Isabel Cristina A. S. e Maciel, Francisca Izabel Pereira. História da alfabetização: produção, difusão e circulação de livros MG/RS/MT- Séc. XIX e XX). Belo Horizonte: UFMG/FAE, 2006.

FRADE, Isabel Cristina A. S. Métodos e didáticas de alfabetização: história, características e modos de fazer de professores: caderno do formador. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.

GOULART, Cecília. A organização do trabalho pedagógico: alfabetização e letramento como eixos orientadores. In Brasil, Ministério da Educação. Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília: MEC/SEB, 2006.

MORTATTI, M. R. L. Cartilha de alfabetização e cultura escolar: Um pacto secular. Caderno CEDES v.20 n.52 Campinas, nov.2000.

_____. História dos métodos de alfabetização no Brasil. Seminário Alfabetização e Letramento em Debate. Disponível em www.mec.gov.br, maio de 2006.

SOARES, Magda Becker. Letramento e Alfabetização: as muitas facetas. Anais da 26ª Reunião Anual da ANPED – GT Alfabetização, Leitura e escrita. Poços de Caldas, 7 de outubro de 2003

STAMATTO, M. I.S. Os manuais escolares, o método de alfabetização e de ensino no Brasil (1822 – 1889). In: FERNANDES, Rogério e Adão, Áurea, Adão (orgs.). Leitura e escrita em Portugal e no Brasil (1500-1970). Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação. Porto, 1998



